

“COZINHAR, LAVAR, PASSAR, CUIDAR DOS FILHOS E DA CASA”. AS “REGRAS” PARA NORMATIZAR A VIDA DAS MULHERES NO LAR

Andrea Cristina Marques¹

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: A construção da “mulher moderna” nos anos de 1950 e 60 perpassou pela circulação de discursos voltados especificamente para o feminino. Dessa maneira, analisamos neste artigo as falas/discursos encontradas nas colunas femininas retirados da revista “O cruzeiro”. Revista brasileira que foi lida durante os seus 46 anos de veiculação e criada com a intenção de projetar a imagem do Brasil como um país moderno. Logo, teve grande responsabilidade na produção da imagem de uma mulher que seria “moderna”, mas que, ambigualmente, tinha por obrigação dedicar-se do lar, se comportar enquanto uma boa dona de casa, e também agir como boa mãe, porém não poderia deixar de lado os cuidados consigo, tudo isso para agradar seu esposo.

Palavras-chave: Mulher moderna; Colunas feminina; “O Cruzeiro”

COOKING, WASHING, IRONING, TAKING CARE OF CHILDREN AND HOUSE.
THE "RULES" FOR REGULATE THE LIFE OF WOMEN IN THE HOME

Abstract: The construction of the "modern woman" in the 1950s and 60s embraced by the movement of speeches aimed specifically at women. Thus, in this article we analyze the speeches/speeches found in women's columns taken from the magazine "Cruise". Brazilian magazine that was read during his 46 years of broadcasting, created with the intention of projecting the image of Brazil as a modern country. Soon, he had great responsibility in producing the image of a woman who would be "modern", but ambiguously, had a duty to devote himself home, behave as a good house wife, and also act as a good mother, but not could put aside with care, all to please her husband.

Keywords: Modern Woman; female Columns; "O Cruzeiro"

A construção da “rainha do lar”, da mulher que seria uma boa esposa passava pelos discursos que normatizavam a sua vida. As moças eram preparadas através dos discursos que circulavam pela sociedade, a exemplo dos que vieram da revista “O cruzeiro”, revista que pretendeu inovar a maneira de fazer periódicos no Brasil, trazendo

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: andreacristinarmg@gmail.com

os “ares da modernidade”, trazia também consigo a proposta de construir por meio de seus discursos uma mulher modernizada. Mas, de maneira ambígua, a revista mantinha em suas colunas femininas a ideia que reforçava a identidade tradicional para as mulheres que se afirmava “modernas”. E através de suas colunas tentavam normatizá-las, construindo para elas o modelo de mulher bem sucedida para a época, que era a mulher casada, na qual mostrava ser competente por ter alcançado a realização enquanto mulher, ou seja, o casamento. Pois, “[...] Culturalmente, o casamento era representado como a única fonte de sobrevivência para as mulheres [...]”.²

Assim, a construção da “moça casadoura”, ou seja, sua preparação para o casamento, a maternidade e o lar, significava também a construção de uma boa esposa, que cuidaria do seu marido, do lar e dos filhos. E para mostrar como é que deviam se portar as mulheres após o casamento e qual o seu lugar nele, é que a articulista Maria Teresa deu a dica em sua coluna feminina do perfil da esposa ideal, sob o título de “A personalidade da espôsa”:

Muitas espôsas entendem que, para serem perfeitas têm que se anular em face dos interesses da família. Explicando melhor - têm que renunciar ao mundo para melhor servir. Parece-nos completamente errada essa maneira de pensar. Para servir bem é preciso ter muita personalidade. É preciso estar inteirada do que se passa no mundo para que possa dar aos filhos melhor criação dentro da época em que eles terão que viver. No lar, a mulher não é uma simples servente, mas uma colaboradora espontânea cujo interesse capital deve estar sempre dirigido, em união com o marido, o que melhor fôr possível em benefício da família, que, juntos constituíram. A cada um, é verdade, cabe uma função distinta. É a própria natureza, porém, que os habilita, de acordo com suas aptidões e tendências particulares às suas tarefas específicas. Socialmente falando, a função da mulher se centraliza no lar. [...].³

Mesmo que de maneira sutil, Maria Teresa mostra uma pequena transformação quanto à participação da mulher no lar; segundo ela, as esposas seriam “colaboradoras espontâneas” e não “simples serventes”; por isso as esposas não deveriam se anular, afirmação que de alguma forma quebra um pouco nesse momento o modelo feminino

² MAIA, Cláudia de Jesus. Viver para si? O celibato feminino como ato político. **Revista Labrys Estudos Feministas**. Brasília: UNB, Jul/dez/2007, p. 1-19.

³ Revista O cruzeiro, de 04 de Dezembro de 1954.

aconselhado pela coluna feminina “Da mulher para a mulher”. Porém, a própria Maria Teresa afirma que cada um, homem e mulher, teria seus lugares específicos dentro do lar, “funções distintas”, que a “natureza” dá a cada um como habilidades.

Seguindo essas “habilidades”, a casa, o cuidado com o lar, era o lugar da mulher e, nesse caso específico, da esposa, a articulista afirma que cabia a ela servir e, embora coloque que isso aconteceria juntamente com o marido, diz que cada cônjuge tem seu papel a realizar e o papel feminino estaria reservado ao espaço doméstico. A cozinha seria o lugar próprio para as esposas, sendo que esse lugar teria sido “naturalmente” destinado a elas. Enquanto que para o marido estaria reservada a vida pública, o trabalho fora do lar, a rua, lugar que o valorizava socialmente, o que não acontecia com o espaço e os serviços domésticos realizados pela mulher.

Quanto ao esposo, Bassanezi afirma que ele, diferentemente da mulher, estava habilitado para o trabalho fora do lar, na rua, na vida pública. O sustento do lar era reservado ao marido, o “chefe da casa”, que saía para trabalhar fora de casa. Pois, “aos pais de família cabe sustentá-la com seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido”.⁴

Cuidar bem do marido era um atributo importantíssimo para a mulher casada, pois uma boa esposa seria também uma boa mãe e dona de casa, atributos que constituíam uma boa esposa. Por isso, na coluna “Da mulher para a mulher”, com o título de “Espôsas mal-humoradas”, de 09 de outubro de 1954, Maria Teresa mostra como o marido deveria ser recebido por sua esposa:

Nada pior para um homem que chega em casa esgotado do trabalho do que encontrar uma esposa mal humorada. O lar, para o marido, é um lugar de refrigério, desde que esse lar ofereça um ambiente de paz e harmonia. Tendo que se desdobrar em mil ocupações de responsabilidade que a vida atual exige de todo homem, normalmente ambicioso, que quer dar à família uma situação decente, o marido aspira pelo fim do dia, quando a esposa e os filhos o receberão de braços abertos num ambiente onde ele será um “rei”, a quem todos servirão com prazer, onde ficará à vontade, calçado com confortáveis chinelos e livre dos incômodos colarinhos. Aspira por uma comidinha diferente, da que engoliu às pressas do restaurante da cidade. Se, porém, ao chegar em casa ninguém o recebe com demonstrações de carinho; se a

⁴ BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, nº 1, 1993, p. 113).

sua chegada, para sua esposa, é um acontecimento indiferente e às vezes mesmo até incômodo, se não encontra o aconchego por que aspirou durante todo o dia, então esse lar já não representará muito para ele depois de um certo tempo. Infelizmente muitas esposas não compreendem o valor do lar, para o marido, pelo prisma dele. Isso talvez por comodidade, porque para que seja proporcionado ao homem aquele ambiente ideal a que acima nos referimos, é necessária muita dedicação por parte da espôsa e essa dedicação exige, algumas vezes sacrifícios. Então, egoisticamente, ela prefere não se colocar jamais no lugar do marido, para ver o que ele espera da família, e o que ela, espôsa, teria de fazer para compreender àquele ideal justamente desejado por ele.⁵

Em outro momento da coluna “Da mulher para a mulher”, observamos ambiguidade do discurso de Maria Teresa, que, num conselho anterior, dizia que a esposa é uma “colaboradora” e que não devia “se anular” pela família; no outro aconselhamento, mostra de maneira bastante conservadora como a “boa esposa” não poderia ser acomodada e tinha que perceber quais as necessidades que seu esposo tinha ao chegar cansado em seu lar. Nesse outro momento, a articulista coloca de forma bem enfática que, para ser a esposa ideal, a mulher precisaria entender quais as aspirações de seu marido, valorizando-o com seus cuidados, afinal, uma de suas obrigações era dar o descanso merecido ao “rei” da casa.

Em seu conselho, Maria Teresa deixou bem nítida a divisão de papéis colocados para homens e mulheres nos anos 50: os homens tinham como dever “prover a subsistência material da família”.⁶ E, sendo assim, ele deveria ser recebido com muita “pompa e circunstância” por seus familiares, esposa e filhos, pois o homem era que vivia a vida pública, na rua, com todas as atribuições diárias para ganhar o “pão de cada dia”, trazendo para seu lar mais conforto e segurança. Isso dava ao esposo trabalhador, o bom provedor, autoridade que deveria ser demonstrada pela esposa quando ocorresse sua chegada em casa.

Era visível a desigualdade nas relações entre marido e mulher, pois, embora ambos trabalhassem, tendo suas obrigações, havia, nesse caso, uma separação injusta entre os direitos deles. Enquanto ao homem cabia as atribuições então citadas, à mulher se desdobrava fazendo tarefas “como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, limpar a casa. A boa esposa seria capaz de “adivinhar os pensamentos do marido; receber o

⁵ Revista O cruzeiro, de 09 de Outubro de 1954.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 240.

marido com atenção todo dia quando ele chegasse em casa [...]”⁷, ou seja, à mulher casada cabia o serviço doméstico, completamente desvalorizado, onde ao final do dia, mesmo que bastante cansada, tinha que se mostrar mais receptiva possível ao marido, que, chegando do seu expediente exaustivo fora do lar, encontrava em casa na sua esposa seu “refrigério”, num ambiente harmônico, calmo, organizado. Ainda que em nenhum momento passasse pela cabeça dele que sua esposa também tenha tido um dia cansativo, exaustivo.

Cabia à esposa também ser paciente com seu marido, que fosse bem humorada com ele, visto que a mulher teria como dote também a paciência, naturalmente feminina, que servia para conquistar cada vez mais seu esposo e conseguir a manutenção do seu matrimônio. Para manter seu casamento e a felicidade conjugal, a conduta da esposa tinha que manter-se em harmonia sua relação com seu esposo e como lar. O homem deveria ser o centro das atenções de sua esposa, ele estando bem, o casamento estaria seguro, harmônico e feliz.

Assim, dependia muito da mulher as chances do seu casamento dar certo. E quando o esposo estava bem tratado pela esposa, paciente e cuidadosa, tudo estava bem, esse era o lar e a família ideal. A paciência era uma virtude que esposa devia ter. E a isso que a coluna “Da mulher para a mulher” se dedicou no dia 21 de maio de 1960:

*Diz uma pessoa estudiosa dos problemas domésticos que, embora o marido pareça muito difícil em relação às divergências conjugais, isto é simples aparência. O homem, pela sua natureza, é mais explosivo. Quando sente que a paciência lhe falta, braveja, estrondeja – e a onda passa. Com a mulher, porém, é diferente. Ela é mais “miudinha”. É mais rancorosa. Não perde a oportunidade para uma desforra. E pode assim infernar a vida do marido que irá procurar consolação fora de casa, resultando daí mais um pretexto que ela terá para acusá-lo.*⁸

O homem, segundo Maria Teresa, enquanto uma pessoa explosiva tinha que encontrar na mulher uma pessoa calma, uma vez que em seus momentos de impaciência, ela usaria da compreensão. A articulista, explicando sempre as diferenças entre homens e mulheres a partir da “natureza”, coloca os homens como pessoas que tinham naturalmente um temperamento arredio, que, por isso, tinha que pôr para fora

⁷ BASSANEZI, Op. cit., p. 628.

⁸ Revista O cruzeiro, de 21 de maio de 1960.

sua ira, revolta, se caso estivesse com algum problema. E para que o casamento desse certo, o esposo deveria encontrar na esposa uma mulher que mostrasse justamente uma personalidade oposta a dele.

A boa esposa tinha que estar preparada, munida de paciência, resignada, sensível aos problemas trazidos para casa por seu marido, caso contrário, se a esposa tivesse o mesmo temperamento dele, seu casamento corria o grande risco de naufragar. Inclusive, corria o risco de seu esposo se chatear e ir procurar outra mulher fora do lar; por essa razão, ela tinha mesmo que ser uma ótima esposa! E se um casamento se acabava, significava que a esposa não tinha cumprido fielmente seu “papel natural”, ou seja, o de suportar tudo pelo bem de sua família, pois “se a mulher cumprir “bem suas funções” – “um conjunto de deveres que colaborem para o bem estar do marido e de sua pequena comunidade” – sem questionamentos ou queixas, a “harmonia familiar” estará assegurada.⁹

O homem era representado como o centro, pelo qual a mulher, ou a esposa, lhe deviam sentir-se bem e aconchegado na família. As colunas apresentavam os discursos numa direção só, afirmando que, para que o casamento desse certo, teria que existir a resignação e a dedicação total da mulher ao lar, porque para a “felicidade matrimonial”, e o “bem estar dos filhos, mas especialmente do marido, o ponto de referência seria a “felicidade no lar”.

Contribuindo ao máximo possível para que a “felicidade no lar” acontecesse, a dona de casa se dedicava a muitas obrigações, sendo que, nas colunas direcionadas para ela, tinha destaque um lugar que parece ter sido criado desde sempre para as mulheres: a cozinha. Havia nessas colunas várias dicas que pretendiam colaborar no cotidiano das mulheres casadas e também variados tipos de receitas que seriam preparadas exclusivamente pelas mulheres. A coluna “Lar doce lar”, da revista “O cruzeiro”, por exemplo, foi escrita em certo período por Helena Sangerardi, e num outro momento da coluna por Thereza de Paula Penna, as quais escreveram sobre os “probleminhas domésticos”, que aconteciam no dia a dia e afligia as donas de casa, principalmente, o cuidado na alimentação familiar. O ponto alto dessa coluna era mesmo a parte dedicada à culinária, onde eram apresentadas receitas consideradas deliciosas, pelas quais as mulheres deveriam agradar a família, em especial, o marido.

⁹ BASSANEZI, Op. cit., p. 129.

É o caso das dicas dadas pela articulista da coluna “Lar doce lar”, ao falar sobre o chuchu, que, segundo ela, era “um excelente legume para fazer um prato completo ou acompanhar carnes e aves”:

Contém ferro e vitaminas este legume, fruto de uma planta trepadeira, do mesmo gênero de abóboras e pepinos. O chuchu é originário do México e das Antilhas, e sua cultura foi muito difundida nos países de clima quente. O cuidado que êle exige é quase nenhum. Existem várias formas de preparar chuchu e a cultura muito fêz para melhorá-lo. Sua carne é branca, firme, aquosa e de perfume e sabor quase nulos. Daí sua enorme divulgação como “massa neutra” nas fábricas de doces em conserva. Quando descascar chuchus para qualquer uso, passe-os primeiro por água fervente para evitar as lixas e manchas que o líquido do chuchu deixa nas mãos de quem o descasca. Sua preparação é fácil e diversas são as maneiras de prepará-lo.¹⁰

Dentre as obrigações das donas de casa, elas tinham que estar a par do valor nutricional dos alimentos que iam preparar. Cuidar da família era cuidar da sua saúde também, por isso, a dona-de-casa tinha por obrigação estar atenta ao preparo dos alimentos que eram colocados na mesa para a alimentação. De acordo com Demeterco,¹¹ após a Segunda Guerra Mundial, seria obrigação das mulheres que tinham saído de seus lares para trabalhar, retornar ao ambiente privado. “[...] Este lugar era o espaço do lar, onde a mulher retomaria sua função de mantenedora da paz doméstica, a partir da tríade: mãe-esposa-dona de casa [...]”.¹² Assim, elas deveriam voltar para suas casas e principalmente para suas cozinhas, deveriam então “voltar para o seu lugar”. Trabalhar no lar, nos anos dourados, significava afeto, dedicação e sublimação feminina em prol do bem-estar da família. Sendo na cozinha que se desenrolaria o “teatro da arte culinária”, e neste teatro a mulher seria sua principal artista, preparando as grandes atrações, a comida, que demonstrava sua arte culinária. A cozinha era vista como abrigo da vida em família.¹³ E com as novidades para o lar, os novos produtos:

¹⁰ Revista O cruzeiro, de 21 de maio de 1960.

¹¹ DEMETERCO, Solange M. da Silva. **Doces lembranças:** cadernos de receitas e comensalidade. Curitiba: 1900-1950. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

¹² DEMETERCO, Op. cit., p.154.

¹³ Demeterco mostra ainda que, nas décadas de 30 e 40, foram importantes em termos de difusão de equipamentos, armários, utensílios e eletrodomésticos diversos, que vêm fazer parte das modificações por que passa a cozinha, na primeira metade do século XX; sempre em busca de mais conforto, maior

[...] Relacionados com o doméstico, com o cotidiano ligado à tarefa de cozinhar, [...] esses equipamentos tornaram-se familiares às donas-de-casa. Inovações tecnológicas de todos os tipos, e em particular aquelas relacionadas à cozinha e à tarefa de cozinhar também tiveram um papel preponderante na mudança de mentalidade com relação à cozinha. Muito contribuíram para isso as estratégias desenvolvidas pelas indústrias alimentícias e de eletrodomésticos, como a divulgação de receitas, que incentivavam as consumidoras a adquirir o equipamento.¹⁴

Esses equipamentos domésticos viriam para ajudar as mulheres, mas antes elas tinham o dever de saber cozinhar, mesmo sem essas inovações domésticas, questão imprescindível para as donas de casas ou as que ainda fossem se tornar senhoras de seus lares. Saber preparar as refeições, na metade do século XX, simbolizava que a mulher daria conta de seu lar, como uma boa esposa, prendada. Segundo Demeterco, algumas mulheres tinham seus livros de culinária que passavam de geração em geração, de mãe para filha, o que mostrava como ser boa cozinheira era importante para as mulheres que queriam se casar.

E isso era ajudado pelos discursos emitidos pelas colunas, como a “Lar doce lar”, que buscavam dar esse ensinamento às mulheres que assim melhorariam a vida de seu marido e filhos. Seu esposo conseguiria dessa forma se sentir mais à vontade ainda ao chegar em casa e encontrar um almoço e um jantar o mais saudável possível. Por esse motivo, Thereza Penna dava a dica do peixe para que não faltasse uma boa alimentação nos lares:

Cada dia mais se reconhece a importância do peixe em nossa alimentação. Suas qualidades nutritivas são iguais às da carne, sua digestão é mais fácil e é carne de fácil assimilação, muito nutritiva e que não engorda. Contém grandes quantidades de sais minerais e proteínas, vitaminas A, D, e E, fósforo, cálcio, etc. Em mãos hábeis pode se converter em um prato saborosíssimo.¹⁵

racionalidade e praticidade. Eletrodomésticos - como liquidificadores e batedeiras tornaram-se sonhos de consumo entre as camadas privilegiadas da população brasileira. DEMETERCO, Op. cit., p. 58.

¹⁴ DEMETERCO, Op. cit., p. 154.

¹⁵ Revista O cruzeiro, de 14 de junho de 1958.

Até na ceia de Natal as mulheres deveriam estar a par de como preparar um cardápio natalino bom para a família, unindo uma refeição agradável com todas as iguarias próprias para essa época; claro que buscando sempre o saber científico, como o da nutrição dos ingredientes que estão indo à mesa, à praticidade necessária à vida da mulher moderna. Fazia parte das prendas domésticas femininas saber o prato ideal a ser apreciado por seus familiares, o que demonstrava zelo para com marido e filhos.

Esse zelo da dona de casa, na sua prática de cozinhar, de preparar pratos, cuidando da alimentação da família, Michel de Certeau (2011) percebe enquanto uma prática cultural, envolvendo uma série de operações muitas vezes complexas, variando de prato para prato sua complexidade, porque a dificuldade em preparar um alimento, um determinado prato pode variar em relação a outro, tendo níveis de exigência diferentes. Por isso, para Certeau, o ato de cozinhar seria composto de táticas, técnicas, que dependem da necessidade de preparo desse prato. Assim, o ato de cozinhar traria em si uma ritualização, uma simbologia que teria significados diversos dentro de cada sociedade, na forma como se prepara o alimento.

A maneira como se prepara cada alimento, dependendo de para quem vai ser preparado, demonstra também que tipo de sentimento estará presente naquela iguaria, que poderá de um sentimento fraternal, entre irmãos, a um sentimento maternal, como o de sua mãe para com seu bebê, podendo ser demonstrado um amor carnal, amor que tenta “devorar o outro” como afirma Certeau. Como aponta Lévi-Strauss apud Certeau (2011), remetendo a um mito africano, cozinhar poderia se assemelhar, “a fazer amor”, sobre o qual “as pedras da lareira seriam as nádegas, o caldeirão a vagina, a colher grande de mexer, o pênis” (CERTEAU, 2011, p. 265). Logo, a mesa seria um lugar prazeroso, onde através das táticas femininas, de suas astúcias, seria possível para as mulheres demonstrarem seus afetos, suas emoções.

Por isso, as dicas práticas eram dadas para que a dona-de-casa desempenhasse bem seu papel, sem correr risco de errar e desagradar ninguém. E para colaborar com essa dona-de-casa que almejava ser realmente a “rainha do lar” é que a articulista Thereza de Paula Penna deu a dica para o cardápio do período natalino, no ano de 1959, uma boa alimentação, mas deixa de lado a sabedoria da mulher moderna:

Quase tanto como Papai Noel e árvores de Natal, as nozes, passas, amêndoas e castanhas fazem parte das tradições de festas. Usadas nas ceias, jantares e

*intervalos, estas saborosas frutas resistem as contra-indicações de nutricionistas. Usadas ao natural ou preparadas como parte integrante de sobremesas ricas e festivas, trazem ainda a vantagem de ser pratos preparados com antecedência. Assim as donas-de-casa reservam a si mesmas um dia de festa mais descansado.*¹⁶

Havia a interligação entre os papéis de esposa e dona de casa. Para ser uma boa esposa, era preciso ser também uma boa dona-de-casa. Era preciso que a mulher casada desempenhasse muito bem seu papel de “rainha do lar”. E para ser uma verdadeira “rainha”, no lar, a mulher deveria conseguir abarcar uma gama de obrigações, que iam desde as prendas domésticas propriamente ditas, a exemplo das obrigações culinárias, a limpeza da casa, até os deveres que tinham com questões como a de economizar tudo, principalmente, para valorizar o que o esposo ganhava trabalhando.

A esposa “moderna” tinha que estar atenta às dicas dadas pelas articulistas para que elas poupassem os ganhos que seus maridos conseguiam conquistar trabalhando com tanto sacrifício. Para termos uma ideia da importância da esposa ser uma “boa administradora” desses ganhos de seu esposo, podemos colocar que, na época, anos 50 e 60, uma máxima que existia, afirmava que “a mulher faz o marido”, ou seja, o peso da manutenção da felicidade conjugal dependia quase que totalmente da mulher, porque, seguindo essa máxima, o marido se comporta de acordo com o tipo de esposa que teria. Logo, se a mulher realizasse bem suas funções, colaborando com o gasto útil do que seu esposo ganhava, ajudaria também no bem-estar do marido e da família em geral.

A esposa ideal, nesse caso, era a que não fazia questionamentos, queixas, e assim não haveria motivos para ocorrer desarmonia em sua família. Portanto, para mulher ser feliz em seu casamento, ela tinha que ser conformada, ordeira, paciente e que se sacrificasse por todos em casa, principalmente por marido e filhos. Por outro lado, se formos observar o lado masculino, nessa história, veremos que para os homens não era exigido nada que lembrasse esse conformismo, tão exigido para as mulheres.

E seguindo essa ideia de que se a mulher era uma boa esposa seu marido também seria um bom esposo, as colunas femininas investiam na construção da esposa ideal, sempre reiterando essa postura em seus discursos. Essas colunas afirmavam, praticamente, em coro que a felicidade conjugal, ambição de tantas mulheres, estava sempre ao alcance de suas mãos, se elas, obviamente, fizessem por onde. Sendo assim

¹⁶ Revista O cruzeiro, de 26 de dezembro de 1959.

as colunas eram conselheiras persuasivas, que, girando sempre em torno do mesmo discurso da superioridade masculina em detrimento do feminino, tentava construir mulheres perfeitas para a vida doméstica, apelando para o discurso de que a vida da mulher deveria ser naturalmente voltada para o lar, conseguindo manter as relações de gênero da época sempre nos moldes tradicionais.

Outra questão que mostrava se as mulheres eram boas esposas e donas-de-casa era a da economia doméstica, visto que as verdadeiras “rainhas do lar” tinham que apresentar-se, se aptas, a organizar os gastos da sua casa, para que não ocorresse desperdício, o que levaria o marido a ter mais gastos. A esposa deveria mostrar que sabia administrar bem as finanças domésticas. Essa atitude era uma forma de recompensar o marido ao valorizar o seu dinheiro, já que ela era considerada a “administradora do lar”: o dinheiro ganho por ele, mesmo que sendo entregue nas mãos dela, continuava sendo do marido. Isso era uma questão de respeito que a mulher deveria ter para com o mesmo, organizando os gastos domésticos para que não passassem do limite, evitando também que acontecessem discussões em casa. Além do mais, esta prática no lar era uma recompensa que a esposa deveria dar, já que era ela quem dependia financeiramente dele.

Para os homens, era muito importante que escolhessem bem com qual moça iria se casar, porque, em função disso, teria ou não uma família bem estruturada. E como a responsabilidade com o gasto do salário do marido era da mulher, ela tinha a grande obrigação de fazer próspera sua família, ajudando a poupar para que os gastos do lar não fossem exorbitantes, trazendo sucesso para seu esposo e conseqüentemente para sua família. Isso era muito importante para os homens e por esse motivo eles escreviam para a revista “O cruzeiro”, deixando clara a importância da questão que relaciona a boa esposa à prosperidade do marido e família e com a qual a articulista concorda:

[...] A mulher que se casa e que tem verdadeira noção de seu dever, procura administrar da melhor maneira as finanças de seu marido. Torna-se sua confidente. O marido sabe que tem em casa alguém que o espera e com quem pode trocar impressões. Já ouvimos de um marido feliz a frase de que não poderia viver sem seu “Ministro da Fazenda e Negócios Interiores”, referindo-se à esposa. É evidente que uma família numerosa requer do marido um esforço tremendo para manter-lhe as necessidades. Esforço que também é exigido da mulher, embora noutros ramos de atividade, principalmente

*quando se considerar as dificuldades com que se depara a todos os momentos, hoje em dia uma dona de casa.*¹⁷

A dona-de-casa ideal era a que reunia em seu perfil qualidades como a de ser boa esposa, cuidando bem do lar, que significava cuidar também da economia dele, do dinheiro colocado em casa pelo esposo. A obrigação que a esposa tinha de trazer prosperidade ao marido e à família mostrava o quanto ela era uma mulher prendada e trabalhadeira; a mulher perfeita com a qual qualquer homem poderia se casar, seria a mulher que não desperdiçava o salário do marido, conseguindo acumular algum patrimônio, construindo desse jeito um homem de sucesso. Nessa relação de gênero que aqui se coloca, percebemos como o papel da mulher-esposa, ou a “administradora do lar”, ficava numa situação inferior, em segundo plano, com relação ao do seu marido-esposo, responsável por trazer o dinheiro para casa, dinheiro que deveria ter muito valor para sua família, que nesse caso era representado pela esposa. Portanto, “A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, [...]. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa”.¹⁸

Referências:

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, nº 1, 1993.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2010.

_____. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2012.

BLUMBERG, Natália Simanke. **Da mulher para a mulher: o papel feminino na revista O cruzeiro**. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social-Jornalismo. Universidade Feevale, Novo Hamburgo 115 pgs. 2013.

CAMPOS, Daniela Queiróz. **Espectros dos anos dourados**. Imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O cruzeiro (1950-1964). Dissertação de Mestrado em História pela PUC, Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 236 pgs. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

¹⁷ Revista O cruzeiro, de 08 de janeiro de 1955.

¹⁸ BASSANEZI, Op. cit., p. 426.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DEMETERCO, Solange M. da Silva. **Doces lembranças**: cadernos de receitas e comensalidade. Curitiba: 1900-1950. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

_____. **Sabor e saber**: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares. Curitiba: 1902-1950. Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná. 274 pgs. 2003.

HERCHMANN, Micael M.; PEREIRA, CARLOS ALBERTO M. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA. Olivia Candeia Lima. **Discursos e imagens sobre mulheres nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade**: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945) – Dissertação (mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.

VAISTSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.